

ENTREVISTA A CRIANÇAS E ADOLESCENTES SOBRE ADOPÇÃO - ECAA: DESENVOLVIMENTO DE UM INSTRUMENTO DE ACESSO À VIVÊNCIA DO PROCESSO DE ADOPÇÃO

Maria A. Barbosa-Ducharne¹

Joana L. Soares²

Joana Ferreira

Joana Monteiro

Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade do Porto, Portugal

Resumo

A adopção cria laços entre Pais e Filhos que antes não tinham qualquer relação, permitindo que as trajectórias de vida de crianças sem retaguarda familiar, disponíveis para ser adoptadas, se unam às trajectórias de vida de adultos que desejam e se revelam capazes de vir a ser seus pais. O processo de adopção, do ponto de vista das crianças, inicia-se quando a sua situação de adoptabilidade jurídica é definida e prolonga-se ao longo de toda a vida, sendo constituído por momentos e etapas bem distintos, antes e depois de serem integrados na família adoptante. A Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre Adopção foi desenvolvida no âmbito da Investigação sobre o Processo de Adopção: Perspectiva de Pais e Filhos, com objectivo de constituir um instrumento de acesso ao modo como as crianças e adolescentes adoptados vivenciam o seu processo pessoal de adopção, bem como o significado que atribuem à sua condição de adoptados. A ECAA é uma entrevista semi-estruturada com questões de resposta aberta, fechada e em escala de tipo Lickert. Participaram neste estudo 58 crianças e adolescentes adoptados de ambos os sexos, com idade compreendida entre 5-15 anos, (M= 9.76; D-P=2.56), com um tempo de adopção médio de 5.29 (D-P=2.59). As entrevistas foram conduzidas no domicílio da família por investigadores especialmente treinados. Os dados recolhidos foram analisados através do NVivo8 e PASW18. Os resultados são discutidos à luz da investigação recente e permitem retirar implicações importantes para a intervenção psicológica junto de crianças cujo projecto de vida é a adopção.

A adopção cria laços entre Pais e Filhos que antes não tinham qualquer relação, permitindo que as trajectórias de vida de crianças sem retaguarda familiar, disponíveis para ser adoptadas, se unam às trajectórias de vida de adultos que desejam e se revelam capazes de vir a ser seus pais. Tal como referem Palacios, Sandoval e Espinosa (1996, p. 9) “a adopção nasce dum cruzamento de caminhos que coincidem num desejo e numa

¹ abarbosa@fpce.up.pt

² joanalara@fpce.up.pt

disponibilidade”, ou seja, no desejo de uns adultos terem um filho e na disponibilidade de uma criança para ser adoptada”. “Adoptar” e “ser adoptado” constituem pois importantes transições nas trajectórias de vida destas pessoas.

Do ponto de vista de quem “adopta”, o processo de adopção inicia-se quando alguém coloca a hipótese de eventualmente querer adoptar, manifestando a sua motivação para a adopção, e prolonga-se após o momento em que a criança chega à família, por todo o ciclo vital, que será constituído por diferentes fases e por tarefas específicas com que a família adoptiva terá de lidar. Do ponto de vista da criança, de quem é “adoptado” inicia-se quando a sua situação de adoptabilidade jurídica é definida e prolonga-se também ao longo de toda a vida, sendo constituído por momentos e etapas bem distintos, antes e depois de serem integrados na família adoptante.

O primeiro passo é por isso a definição jurídica da adoptabilidade da criança. Após este processo é realizado o procedimento de *matching*, que consiste no emparelhamento de uma candidatura à adopção e de uma criança em situação de adoptabilidade. O sucesso deste emparelhamento depende, entre outros factores, da articulação existente entre as necessidades específica das criança e as competências parentais presentes ou susceptíveis de ser desenvolvidas, capazes de lhes dar resposta (Palacios, 2007).

Após identificação dos candidatos melhor preparados para a adoptar, a criança recebe a notícia da adopção e são depois iniciados os primeiros encontros. Estes primeiros encontros destinam-se ao conhecimento mútuo e ao estabelecimento dos primeiros laços afectivos entre a criança e os candidatos, com o devido acompanhamento técnico (CRSS Norte/SSR Porto, 2000), terminando com a chegada definitiva da criança a casa. É um período de duração variável - dependendo das características e necessidades da criança e dos candidatos – e é denominado frequentemente como “período de transição”.

Após a chegada a casa inicia-se a fase de integração e adaptação inicial à nova família. O principal desafio é o desenvolvimento do vínculo afectivo entre os elementos da família. O estabelecimento de uma relação, entre a criança e os pais, na qual os pais sejam capazes de transmitir segurança e afecto, e na qual a criança seja capaz de confiar, contribuirão positivamente para que a criança se sinta progressivamente parte integrante da nova família.

A revelação da adopção e a comunicação sobre o passado da criança constituem uma tarefa específica das famílias adoptivas (Palacios & Sanchez-Sandoval, 2005),

essencial à construção de uma relação de confiança e segurança e conseqüentemente ao sucesso da adopção e ajustamento psicológico da criança (Brodzinsky, 2006).

Deve-se ter, contudo, em conta que uma comunicação aberta sobre adopção não se restringe a uma troca de informação acerca do tema, mas essencialmente a uma experiência de sintonia afectiva, de partilha e suporte de emoções (Brodzinsky, 2005), onde os pais abordam abertamente sobre estes assuntos e a criança sente confiança e segurança para falar sobre o seu passado. Efectivamente, a capacidade das crianças para expressar os seus sentimentos relacionados com a adopção, bem como a capacidade empática dos pais relativa a esses mesmos sentimentos, são vistas como aspectos críticos para o desenvolvimento de uma comunicação saudável em torno da adopção, favorecendo o desenvolvimento de um padrão comunicacional aberto (também relativo a outros aspectos não relacionados com a adopção) na nova família adoptiva.

É com o objectivo de atender ao ponto de vista da criança e à sua percepção e vivência da adopção que surge o instrumento aqui referenciado – ECAA: Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre Adopção. De facto, sendo a adopção um instituto da criança, com vista à realização do seu superior interesse, torna-se fundamental dar-lhe voz neste processo em que também é protagonista.

Mesmo tendo em conta todas as dificuldades do envolvimento de crianças na investigação - obtenção do consentimento informado, confidencialidade dos dados, desigualdade de poder na relação investigador-criança e adequação do método e das questões ao nível etário e desenvolvimental da criança (Thomas & O’Kane, 1998) – considerou-se essencial o desenvolvimento deste instrumento, susceptível de atender à perspectiva da criança.

A Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre Adopção foi desenvolvida no âmbito da Investigação sobre o Processo de Adopção: Perspectiva de Pais e Filhos, com objectivo de constituir um instrumento de acesso ao modo como as crianças e adolescentes adoptados vivenciam o seu processo pessoal de adopção, bem como o significado que atribuem à sua condição de adoptados.

MÉTODOS

Participantes

Os participantes deste estudo constituem uma amostra de conveniência, tendo sido escolhidos a partir de dois critérios de selecção: (a) a adopção ter sido decretada há mais de um ano e (b) as crianças adoptadas terem entre 5 e 15 anos de idade. O primeiro

critério prende-se com a necessidade de atribuir à família um período de tempo suficientemente longo que lhe permita ter reencontrado uma certa estabilidade e equilíbrio familiar após a integração da criança. O segundo critério – idade da criança - relaciona-se com o tipo de instrumento construído (entrevista) para ser utilizado junto destas que exige alguma capacidade de compreensão e de expressão linguística.

Participaram neste estudo 58 crianças e adolescentes adoptados (31 rapazes e 27 raparigas), com idade compreendida entre 5 e 15 anos, (M= 9.76; D-P=2.56), com um tempo de adopção médio de 5.29 anos (D-P = 2.59).

Instrumentos

Como já referido anteriormente, este trabalho insere-se numa investigação mais ampla onde, para além do instrumento aqui analisado, os dados foram recolhidos através de outros instrumentos, nomeadamente entrevistas e questionários aplicados aos pais.

A Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre Adopção (ECAA) (Barbosa-Ducharne, Soares, Ferreira & Monteiro, 2010) foi elaborada de raiz, tendo por base a revisão de estudos empíricos sobre adopção, dada a inexistência de um instrumento que recolhesse informação que permitisse responder às questões de investigação e objectivos específicos do estudo.

A ECAA é constituída por 90 questões, de resposta aberta, fechada ou de tipo Lickert, numa escala de 4 pontos. A sua extensão justifica-se pela complexidade do processo de adopção, que implica abordar diversos aspectos que se relacionam entre si. Por outro lado, a utilização de questões de diversos tipos permite promover uma maior participação da criança e, conseqüentemente, uma maior recolha de informação. Contudo, e visto que a entrevista se dirige a criança num intervalo de idades significativamente amplo, nem todas as questões poderão ser aplicadas, face à particularidade de cada caso. O quadro 1 apresenta os temas e subtemas desta entrevista, bem como alguns exemplos de questões.

Quadro 1 - Temas e subtemas da ECAA

Temas	Subtemas	Exemplos
Conceito de Adopção	Conceito de família Conceito de adopção Significado de “ser adoptado” Significado de “pais adoptivos” (vs pais biológicos)	<i>Sabes o que é a adopção? O que é?</i>
Revelação da Adopção	Idade Revelação Conteúdo da Revelação Interlocutor da Revelação Sentimentos face à revelação Dúvidas	<i>Conta-me como é que foi essa primeira conversa sobre adopção...</i>
Comunicação sobre adopção (intrafamiliar)	Frequência de comunicação Satisfação quanto à frequência de comunicação Postura (da criança) face à comunicação da adopção Postura (do pai e mãe) face à comunicação da adopção Percepção da dificuldade dos pais em falar no passado Dificuldade (da própria criança) em falar no passado Curiosidade acerca do passado	<i>Tens ideia de quantas vezes os teus pais falaram contigo acerca da adopção?</i>
Informação relativa à família biológica	Informação sobre família biológica Imagem da família biológica	<i>O que achas dos teus pais biológicos?</i>
Revelação Social	Revelação familiares Revelação na escola	<i>Contaste aos teus amigos que eras adoptado?</i>
Notícia da Adopção	Idade Interlocutor Sentimentos/Pensamentos	<i>Agora gostava de conversar contigo acerca do momento em que soubeste que ias ser adoptado... lembras-te como foi?</i>
Primeiros encontros	Local/Actividades realizadas	<i>Lembras-te quando viste os teus pais pela primeira vez? Podes contar-me como foi?</i>
Chegada a casa	Descrição quarto Lembranças sobre essa chegada	<i>Como era o teu quarto?</i>
Adaptação	Integração com família alargada Adaptação nova escola Chamar pai e mãe Desenvolvimento de sentimento de pertença à nova família	<i>Em algum momento sentiste medo que os teus pais não quisessem mais ficar contigo?</i>
Avaliação Global da Adopção	Aspectos positivos Aspectos negativos Dificuldades	<i>Como te sentes por teres sido adoptado?</i>

As entrevistas às crianças tiveram em média a duração de 52.32 minutos (DP=24.52; Min= 20, Máx = 130). A condução das entrevistas seguiu rigorosos princípios éticos no respeito dos direitos das crianças e famílias. Assim, a identificação das famílias que reuniam os critérios de selecção e o primeiro contacto foram feitos pelas técnicas que haviam acompanhado o processo e previamente ao contacto com a criança ou adolescente, as famílias foram informadas acerca dos objectivos da investigação e dos temas abordados, sendo ressalvada a confidencialidade de toda a informação recolhida. Após este esclarecimento, foi ainda solicitado aos pais que assinassem uma declaração de consentimento informado para participar no estudo, autorizando também a participação dos seus filhos. Nas famílias em que existia mais do que uma criança adoptada que preenchia os requisitos de selecção da amostra, foram realizadas tantas entrevistas quanto o número de crianças. As entrevistas foram conduzidas separadamente, em espaços distintos, permitindo a recolha dos dados num ambiente de maior confidencialidade e intimidade. De modo a operacionalizar a recolha de dados, os contactos foram realizados por duas ou mais investigadoras, permitindo a condução simultânea de entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ECAA pretende aceder à vivência da criança/adolescente relativamente à adopção e tem um carácter progressivo, procurando abordar as várias fases evolutivas da criança enquanto “ser adoptado”, a saber: notícia da adopção, primeiros encontros, chegada a casa, comunicação sobre a adopção, adaptação e estado actual.

Os dados recolhidos foram analisados através do NVivo8 e PASW18. Face à diversidade de temáticas e dados obtidos através da ECAA, foram seleccionados apenas alguns resultados relativos a estas diferentes fases, os quais serão apresentados de forma a ilustrar a potencialidade deste instrumento.

1. Notícia da Adopção

A notícia de que iriam ter uns pais adoptivos foi transmitida às crianças pelas técnicas da instituição, pela família de acolhimento ou pelas técnicas do serviço de adopções. Das 38% das crianças que têm memória deste momento apenas cerca de metade (46%) referem que se sentiam preparadas para a notícia.

Os sentimentos e os pensamentos suscitados face à notícia da adopção são variados e ambivalentes, oscilando entre felicidade, alegria e esperança – “Fiquei

contente porque estes pais iam ser bons para mim” – e medo, receio ou dúvida – “Senti medo que me voltassem a fazer o que fizeram”. De facto, através da ECAA foi possível perceber a experiência de ambivalência e ansiedade que é vivida pelas crianças quando recebem a notícia de que irão ser adoptadas, e os diferentes sentimentos que esta notícia pode simultaneamente suscitar. A criança depara-se com um mundo desconhecido, com um futuro incerto que despoleta simultaneamente a alegria e esperança de vir a ter uma nova família, mas também o medo e o receio de como será essa família bem como a tristeza por deixar outras pessoas significativas para trás. Esta experiência pode tornar-se ainda mais dolorosa quando não existe uma preparação prévia da criança para a adopção (Monteiro, 2009).

2. Primeiros Encontros

As crianças deste estudo recordam o momento em que viram os seus pais pela primeira vez, sendo estes momentos descritos como emocionalmente intensos – “Foi uma coisa que nunca vou esquecer! Lembro-me como se fosse hoje, como estava vestido, o que disseram, o que fizemos... e até o que me deram como primeiro presente”. As descrições destes encontros, feitas pelas crianças mais velhas, são bastante pormenorizadas na descrição das actividades realizadas, centrando-se em objectos e actividades específicas.

3. Chegada a casa

Na chegada a casa a recordação mais proeminente e precisa refere-se à forma como estava preparado o quarto da criança à sua chegada – “Tinha um quarto para mim! O meu quarto tinha muitos brinquedos e eu gostei muito”. De facto, as entrevistas realizadas através da ECAA deixaram evidente a importância que assume para as crianças a preparação deste espaço, uma vez que estas sentiam que ao ter um quarto só para elas estavam a preencher um espaço predestinado a si, o que fazia aumentar o sentimento de pertença à nova família (Monteiro, 2009). À semelhança de outros resultados obtidos através desta entrevista, este é um dado que permite tirar conclusões que possam de alguma forma ter implicações práticas, nomeadamente na preparação a ser feita junto dos pais acerca da chegada da criança.

Ainda relativamente ao período de integração verificou-se que as crianças recordam o momento em que chamaram pela primeira vez Pai e Mãe aos seus pais adoptivos.

4. Comunicação e Compreensão da Adopção

Tendo em conta que a revelação à criança da sua condição de adoptada e a manutenção de uma comunicação aberta acerca do seu passado constitui tarefa essencial da família adoptiva logo desde que esta é integrada, contribuindo para o desenvolvimento do sentimento de pertença, a comunicação sobre a adopção, em sentido lato, constitui um tema central deste instrumento de avaliação da vivência da adopção (Soares, 2009).

As crianças deste estudo souberam que eram adoptadas em média aos 6.30 anos (D-P= 2.28). Na sua maioria (50.0%), as crianças consideram que a primeira conversa acerca da adopção foi iniciada pelos pais. No entanto, em 32.5% dos casos o diálogo surgiu por iniciativa da criança. Em 17.5% dos casos a criança não foi capaz de se recordar. Por outro lado, o interlocutor da primeira conversa acerca da adopção, independentemente de esta ter sido iniciada pela criança ou não, é habitualmente a mãe (52.6%), sendo que em apenas 5.3% dos casos é o pai quem fala com a criança e em 39.5% dos casos são ambos.

A revelação da adopção teve um impacto positivo na maioria das crianças, na medida em que 72.9% refere que se sentiu bem ou muito bem quando soube que era adoptada.

Após esta primeira conversa 58.6% das crianças admite ter ficado com dúvidas. O conteúdo das dúvidas suscitadas centra-se, frequentemente, na curiosidade relativa à família biológica e ao passado da criança – “Fiquei a pensar quem seriam os meus pais, como se chamavam, se já tinham morrido ou não...” – aos motivos que levaram a família biológica a colocar a criança para a adopção – “Porque é que os meus pais não tiveram amor para nós?” – e, por outro lado, aos motivos que levaram os pais a adoptar – “Porque é que estes pais me adoptaram?”. São também usuais as dúvidas relativas ao conceito de adopção – “Achei esquisito porque ainda não sabia bem o que era ser adoptado”. – e aos trâmites legais do processo de adopção – “Fiquei com medo... Não percebi que significava que ia ficar ali para sempre...” . Por último destaca-se a incerteza quanto aos sentimentos da família biológica em relação a si próprias – “Será que os outros pais gostavam de mim?” – assim como a incerteza quanto à possibilidade de manter relações prévias – “Perguntei-me a mim mesma se voltaria a ver os meus amigos/Será que não poderei ver mais os meus pais?.”

A maioria das crianças apresenta curiosidade acerca do passado (73.2%). Contudo, após a primeira conversa sobre a adopção, observa-se que nem sempre a comunicação sobre a adopção é aberta e frequente, sendo que 48.3% das crianças considera difícil falar com os seus pais acerca do seu passado. A este respeito verificou-

se também que quanto maior é a percepção da criança acerca da dificuldade dos pais em falar na adoção e no seu passado, maior é a sua própria dificuldade em abordar o tema ($r = .54, p = .000$), instalando-se assim um ciclo de silêncio na família.

Assim, através de uma análise de *clusters*, e de acordo com as respostas obtidas através da ECAA, junto de crianças e adolescentes adotados, foi possível identificar dois tipos de famílias. O quadro 2 apresenta a caracterização dos dois *clusters* no que diz respeito às variáveis usadas na sua definição, sendo indicado o valor da significância da diferença entre os dois grupos.

Quadro 2 - Comparação entre os clusters de comunicação na perspectiva dos filhos nas variáveis usadas na sua definição

	Grupo com comunicação aberta e atempada (N=28)	Grupo com comunicação fechada e atrasada (N=27)	p
Idade da criança no momento da 1ª comunicação	M=4.7 anos (± 1.1)	M=8.2 anos (± 1.4)	.000
Indicador de timing da 1ª comunicação	Bom Timing	Timing Atrasado	.000
Nº de vezes que os pais falaram com a criança sobre a adoção	Algumas vezes	Algumas vezes	.970
Facilidade com que a criança aborda o tema da adoção	Fala c/ facilidade	Não fala c/facilidade	.040
Variável composta da revelação social	Abertura moderada	Abertura moderada	.110

O *cluster* 1 reúne as famílias adotivas que, de acordo com as crianças, apresentam um timing da primeira comunicação ajustado; em que a idade média da criança no momento da primeira comunicação ronda os 4.7 anos; e em que os pais falam algumas vezes com a criança acerca da adoção. As crianças pertencentes a este grupo consideram que têm facilidade em falar acerca da adoção e revelam uma abertura moderada em termos da revelação social da adoção ($M=2.71; DP=.8$). Por conseguinte, este *cluster* foi denominado *grupo com comunicação aberta e atempada*. Por sua vez, o *cluster* 2 reúne as famílias adotivas que, segundo as crianças, apresentam um timing da revelação atrasado; em que a idade média da criança aquando da primeira comunicação é de 8.24 anos; e em que os pais falam algumas vezes com a criança acerca da adoção. As crianças pertencentes a este grupo não apresentam facilidade em falar acerca da adoção e revelam uma abertura moderada em termos da revelação social da adoção ($M=2.34; DP=.9$). Este grupo de crianças foi considerado como apresentando um tipo

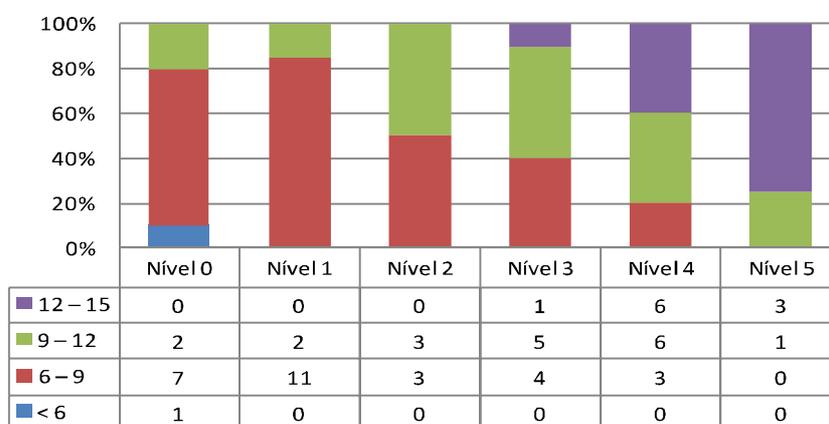
de comunicação menos aberta e mais atrasada acerca da adopção, tendo sido denominado *grupo com comunicação fechada e atrasada*.

Os dois *clusters* distinguem-se também quanto à idade actual da criança ($t_{(53)}=2.78, p=.007$), sendo que no *grupo com comunicação de tipo aberta e atempada* as crianças são mais novas ($M=9.11, DP=2.27$) do que no *grupo com comunicação de tipo fechada e atrasada* ($M=10.9; DP= 2.38$). Diferem ainda no que concerne à idade da adopção ($t_{(41)}=2.39, p= .02$), sendo que as crianças do primeiro grupo foram adoptadas mais cedo ($M=3.73; DP=1.88$) do que os do segundo grupo ($M=5.46; DP=3.27$).

Relacionado com a comunicação sobre a adopção está a capacidade de compreensão da criança sobre o que é a adopção, ou seja, o conceito que tem de adopção. Este conceito foi avaliado através de questões de resposta aberta como “Sabes o que é a adopção? O que é?”, “Sabes o que significa ser adoptado?”, e “O que são pais adoptivos?”. A análise de conteúdo das respostas dadas pelas crianças às referidas questões permitiu a classificação de cada uma num dos seis níveis de compreensão do conceito de adopção definidos por Brodzinsky e colaboradores (1981; 1984; 1986). Esta classificação foi estabelecida em discussão com dois juizes especialistas na matéria, tendo-se procurado encontrar acordo total entre os dois.

A análise dos dados permitiu encontrar uma associação estatisticamente significativa entre o nível de desenvolvimento do conceito de adopção e a idade da criança ($\chi^2(5)=34.91, p= .003, n=58$). Tal como é possível observar no gráfico 1, verifica-se que as crianças mais novas tendem a situar-se em níveis de compreensão mais baixos do que as crianças mais velhas.

Gráfico 3 - Distribuição de frequências segundo o nível de desenvolvimento do conceito de adopção e o grupo etário da criança.



5. Adaptação

Quadro 3 – Elementos facilitadores do desenvolvimento do sentimento de pertença à nova família

1. Os pais verbalizarem que o (a) amavam	M= 3.91± 0.30
2. Os pais verbalizarem que nunca o (a) abandonariam	M= 3.81± 0.40
3. Conhecer a família alargada	M= 3.55± 0.62
4. Ter uma vida organizada	M= 3.48± 0.68
5. Participar nos planos familiares	M= 3.45± 0.72
6. Os pais chamarem-lhe filho (a)	M= 3.44± 0.79
7. Ter feito novos amigos	M= 3.39± 0.30
8. Frequentar uma nova escola	M = 3.29± 0.94

A adaptação da criança é facilitada por um conjunto de factores. O quadro 3 apresenta os elementos facilitadores do desenvolvimento do sentimento de pertença à nova família. Como se pode observar, o facto de os pais reforçarem e verbalizarem que amam a criança é um elemento importante que facilita a sua integração familiar.

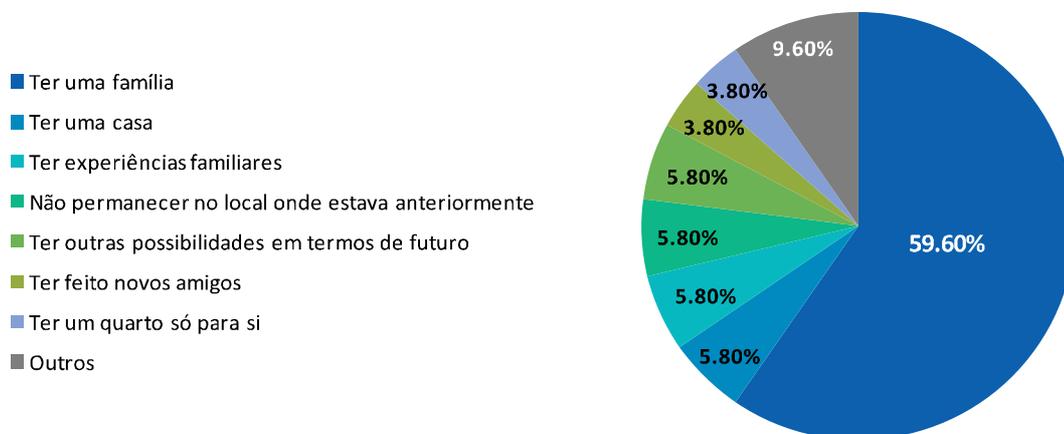
6. Estado actual das crianças/adolescentes

A adopção tem um impacto positivo na vida das crianças, uma vez que 91% refere que se sente feliz ou muito feliz por ter sido adoptada.

A apreciação da criança relativa à sua vivência global da adopção foi avaliada através de algumas questões de resposta aberta, nomeadamente: “Qual foi a melhor coisa que te aconteceu relacionada com a adopção?”; “Qual foi a pior coisa que te aconteceu relacionada com a adopção?”; e “Diz-me três coisas que tenham sido difíceis para ti relacionadas com a adopção”.

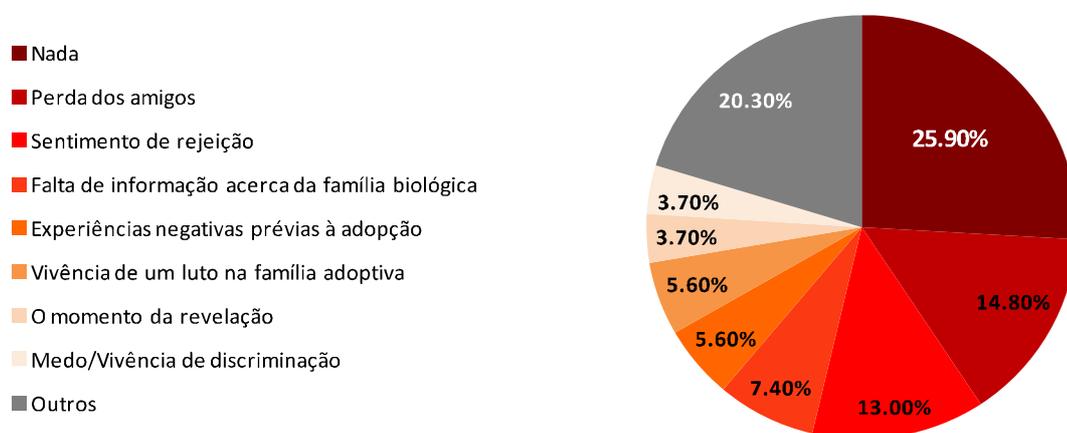
A análise do conteúdo das respostas às referidas questões permitiu enumerar os temas mais evocados pelas crianças em relação a cada uma destas. Verificou-se, assim, que a maioria das crianças referiu que a melhor coisa que lhe aconteceu relacionada com a adopção foi ter uma família (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Distribuição de frequências dos temas mais evocados pelas crianças na resposta à questão “Qual foi a melhor coisa que te aconteceu relacionada com a adoção?”



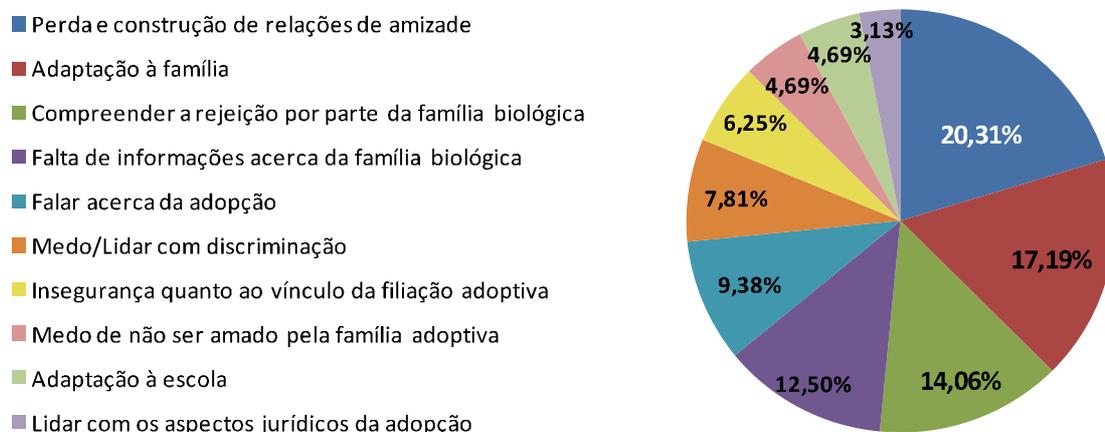
Por outro lado, a maioria das crianças refere a perda dos amigos, seguida do sentimento de rejeição por parte da família biológica e da falta de informação acerca da mesma como os piores aspectos relacionados com a adoção (Gráfico 3).

Gráfico 3 - Distribuição de frequências dos temas mais evocados pelas crianças na resposta à questão “Qual foi a pior coisa que te aconteceu relacionada com a adoção?”



No que respeita à questão das dificuldades vividas pelas crianças relacionadas com a adoção, 32.7% das crianças referiram não ter vivido qualquer dificuldade, 27.3% apenas foram capazes de enunciar uma dificuldade, 14.6% enunciaram duas dificuldades e 25.5% mencionaram três dificuldades. No gráfico seguinte encontram-se sistematizadas as dificuldades mais enunciadas pelas crianças.

Gráfico 4 - Distribuição de frequências dos temas mais evocados pelas crianças na resposta à questão “Diz-me três coisas que tenham sido difíceis para ti, relacionadas com a adopção?”



CONCLUSÕES

Como se pode constatar através dos resultados apresentados, esta entrevista parece cumprir os objectivos propostos, sendo sensível e conseguindo aceder à vivência da adopção por parte das crianças e adolescentes adoptados. Trata-se de um instrumento bastante completo, tocando nas principais especificidades da vivência da adopção e procurando abarcar as várias etapas do ciclo vital da família adoptiva, através da perspectiva da criança/adolescente adoptado.

Além de ser um importante instrumento de investigação e recolha de dados científicos, a ECAA constitui um instrumento que permite obter resultados que podem contribuir para o delinear de alterações e implementação de novas práticas profissionais, uma vez que se trata de um instrumento que “dá voz” à criança e permite assim aceder às suas necessidades.

Apesar de ter uma aplicabilidade a crianças entre os 5 e os 15 anos, a ECAA, apresenta-se, contudo, melhor adaptada para crianças em idade escolar e adolescentes, exigindo maior flexibilidade de aplicação junto de crianças mais novas. Deve ser por isso aplicada apenas por psicólogos, com treino e competências de entrevistador, bem como formação na área da adopção. Trata-se de uma entrevista que aborda conteúdos com alta carga emocional, que implica recordação do passado, e por vezes recordações dolorosas. Enquanto entrevistadores e investigadores é essencial ter presente a *mochila* carregada de experiências dolorosas que estas crianças carregam, e que poderão emergir ao longo a realização desta entrevista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Barbosa-Ducharme, M., Soares, J., Ferreira, J. & Monteiro, J.(2010). *Entrevista a Crianças e Adolescentes sobre Adopção-Revista*. Policopiado. Versão para Investigação.

Brodzinsky, D. M. (2005). Reconceptualizing openness in adoption: Implications for theory, research and practice. In D. M. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological issues in adoption: Research and practice* (pp. 145-166). Westport, CT: Praeger.

Brodzinsky, D. M. (2006). Family structural openness and communication openness as predictors in the adjustment of adopted children. *Adoption Quarterly*, 9(4), 1-18.

CRSS Norte/SSR Porto (2000). *Outros filhos, os mesmos direitos: Estudo sobre a problemática da adoção no distrito do Porto de 1988 a 1997*. Porto: Gráfica Maia Douro.

Ferreira. (2010). *Comunicação e compreensão sobre a adoção: relação com o ajustamento psicológico- a voz da criança adoptada*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP

Monteiro, J. (2009). *Adopção: espera, integração e adaptação familiar. Perspectiva de pais e filhos. Um estudo exploratório*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP

Palacios, J. (2007). *Manual para intervenciones profesionales en adopción internacional. Valoración de idoneidad, Asignación de menores a familias, Seguimiento postadoptivo*. Ministerio de Educación, Política Social y Deporte

Palacios, J. & Sanchez-Sandoval, Y (2005). Beyond adopted/non-adopted comparisons. In D. Brodzinsky & J. Palacios (Eds.), *Psychological Issues in Adoption: Research and Practice* (pp. 117-144). Westport, CT: Greenwood.

Palacios, J., Sandoval, Y. & Espinosa, E. (1996). *La adopción en Andalucía*. Andalucía: Junta de Andalucía

Soares, J. (2009). *Processo de comunicação sobre a adoção: estudo exploratório junto de famílias adoptivas portuguesas*. Tese de Mestrado Integrado em Psicologia, não publicada. Porto: FPCEUP.

Thomas, N. & O' Kane, C. (1998). The ethics of participatory research with children. *Children and Society*, 12(5), 336-348.